

Tomás Campanella e a *Cidade do Sol*

MARIA DE LOURDES SIRGADO GANHO*

Tommaso Campanella, nasceu em Stilo na Calábria e faleceu em Paris, sendo um dos representantes mais significativos do pensamento utópico, próprio do Renascimento, embora a utopia, em muitos aspectos dependa de uma leitura renascentista da obra de Platão *República*. A sua obra *La Città del Sole* dá conta desta preocupação renascentista, ao mesmo tempo que reflecte o carácter e a personalidade do seu autor. Frade dominicano, vivendo numa sociedade injusta e cruel para com os mais pobres, que constituíam a maioria das pessoas, Campanella sente que é necessária uma reforma política, ligada a uma renovação religiosa e assente em bases filosóficas. Na obra em apreço há uma clara preocupação metafísica, que está na raiz da sua concepção de uma cidade ideal, perfeita. Será a sua «representação da república», justa, pacífica, que almeja a felicidade, tanto terrena quanto eterna e que está endereçada para a perfeição ,que iremos pôr em evidência.

Introdução

A obra de T. Campanella, *A Cidade do Sol*, faz parte de um conjunto de obras que se colocam sob o signo da utopia, de que T. More foi o inaugurador com a sua obra intitulada *Utopia*, e que também procurava delinear a cidade perfeita, a cidade óptima, por oposição às cidades reais, ou seja, imperfeitas, injustas e

* Universidade Católica Portuguesa – Lisboa.

sem um plano para a educação. E nesse sentido, a obra de Platão *A República* é, sem dúvida, uma referência central.

O pensamento utópico, no entanto, é próprio do renascimento, já na sua fase mais tardia (séc. XVI) e coloca-se entre o humanismo renascentista, a que corresponde o século de ouro do Renascimento (séc. XV), e a cada vez mais crescente importância da ciência nova, emergente, ligada à constituição da física como ciência experimental, bem como do naturalismo presente, como o de Telésio, ou mesmo aquele suscitado pelas descobertas dos portugueses.

Assim a obra que iremos analisar decorre da época em que se insere, bem como da situação social, que o seu autor pretende refutar, em nome dos valores renascentistas que configuram, como tão bem refere Eugenio Garin, uma revolução cultural que invade todos os domínios da acção humana. Nesse sentido, também se procuram novos modelos de organização social, de pendor político, necessariamente, também aqui presentes¹.

O pensamento utópico, no renascimento, centra-se na cidade, espaço fechado, relativamente ao espaço natural. Estamos perante uma elaboração humana, que assenta na razão e na vontade humanas. A questão da felicidade humana também é aqui central, pelo que as cidades são organizadas tendo em consideração essa finalidade.

Contudo, o que caracteriza o pensamento utópico, que está presente em *A Cidade do Sol* é o não aceitar a realidade social e política como ela se apresenta e, nesse sentido, é uma forma, actuante, de contestar a condição humana tal como se apresenta, acreditando, porém, que mediante uma vontade guiada pela razão é possível transformar a sociedade, no sentido de uma perfeição a realizar na própria existência.

São preocupações comuns às cidades utópicas acabar com o trabalho penoso, com a injustiça, a desigualdade, o sofrimento, a escassez de recursos. Esta a realidade factual. Além disso advogavam uma boa educação.

Mas, T. Campanella possuía a forte convicção – frente à situação miserável em que vivia a população na qual estava inserido – que era possível transformar essa realidade, pois no Renascimento, na linha do pensamento de Giovanni Pico della Mirandola, de quem sofreu uma clara influência, acreditava no homem, na sua capacidade de agir segundo a sua «decisão», ou seja, aceitava uma das ideias estruturantes de Pico della Mirandola, a saber, a liberdade como possibilidade de perfeição, apoiada nos saberes da época, portanto, apoiado no valor do *studia humanitatis*, da ciência e da técnica. Perfeição moral, ciência, técnica e sua fundamentação num princípio metafísico, são garantias de que é possível modificar a condição humana.

¹ Cf. Eugénio GARIN, *Renascimento. História de uma revolução social*, Porto, Ed. Tellos, s.d.

Tomás Campanella, frade dominicano, mendicante, não se alheava do sofrimento à sua volta, ele sente a cidade real, reflecte sobre ela e revolta-se – nela não há liberdade para todos, justiça, bens de consumo necessário para todos, portanto, nela não pode existir, e não existe, justiça, felicidade e esperança. O que vê é pobreza e miséria a todos os níveis. Influenciado por Telésio e também por Giovanni Pico della Mirandola, como já referi, apresenta-nos uma apologia quanto à liberdade de filosofar, recusando submeter-se à autoridade.

Desde muito novo que leu filosofia e Teologia, no início leu São Tomás de Aquino, de quem foi grande admirador, passando também pelo estudo de Aristóteles, em conformidade com a orientação da Ordem Dominicana a que pertencia, no entanto, decide ler autores claramente marcantes do Renascimento: Platão em primeiro lugar, os estóicos, Telésio. Estas leituras vão ser decisivas para a sua reflexão filosófica e compreensão de uma cidade ideal. De certo modo acaba por refutar Aristóteles em nome do platonismo e da filosofia naturalista de Telésio.

A obra *A Cidade do Sol* reflecte bem um traço do seu carácter, embora tenhamos que reconhecer que é uma personalidade controversa, (aspecto que não trataremos) mas, de facto, acredita na possibilidade de uma organização social onde a justiça e a paz se possam realizar no mundo terreno, tendo a sua fundamentação última na fé cristã, em que Cristo é visto como aquele que triunfa do mal. Esta é uma matriz religiosa do seu pensamento. Assim, nesta obra procura apresentar uma reforma política ligada a uma renovação religiosa. Há uma clara crítica aos abusos da religião cristã, aspecto que lhe deu grandes problemas com a inquisição

Embora na obra se interrogue se a cidade é governada segundo o modelo da república², de facto, e á maneira platónica mas passada pelo crivo renascentista, a nova república tem a sua origem na *rinascita*, ou seja, no renascer do espírito em sintonia com uma ordem universal, que se rege pelo bem, justiça, harmonia e felicidade, mas cujo fundamento é de ordem metafísica.

Assim sendo, posiciona-se contra Nicolau Machiavelli, seu contemporâneo, que desligava os interesses políticos dos religiosos e morais.

A Cidade do Sol

Entrando, propriamente no âmago da obra, esta está organizada em diálogo entre um Grão Mestre e um Almirante, sendo este último que descreve a cidade perfeita.

² Tomás CAMPANELLA, *A cidade do sol*, trad. Álvaro Ribeiro, Lisboa, Ed. Guimarães, 1996: neste caso cf. p. 24. Sigla CS.

Na descrição da cidade perfeita, o Grão Mestre vai referir-se, em primeiro lugar às instâncias superiores, mencionando que no cume da hierarquia está o Metafísico, e com ele cooperam três Príncipes: Potência, Sapiência e Amor³. A Potência diz respeito às coisas da guerra e da arte militar. A Sapiência tem a seu cargo tudo o que diz respeito às artes liberais e mecânicas, tendo na sua dependência oficiais, ou seja, os que estão á frente dos diferente ofícios: astrólogos, cosmógrafos, gramáticos, médicos, físicos, matemáticos, políticos, moralistas, entre outros. Dá-se uma grande importância à perfeição das figuras matemáticas⁴, bem como do naturalismo, dado que plantas, ervas, peixes, pássaros, animais terrestres estão representados⁵, também a ciência e a técnica são valorizadas como menciona: «artes mecânicas e seus instrumentos»⁶. Mas além disso, e tal como o Renascimento valorizava, na linha de uma *prisca theologia* estão representadas as figuras de Osíris, Mercúrio, Moisés, Maomé e Jesus Cristo⁷. Os Solares, possuem, pois um saber enciclopédico, aspecto próprio do Renascimento, pois uma grande preocupação é a vontade de se instruírem. O Amor tem a seu cargo a educação dos solares, a alimentação, o vestuário, a fim de que os Solares vivam com um corpo são numa mente sã. Faz parte das atribuições de Amor a educação das crianças⁸.

Após estes esclarecimentos, o Almirante especifica que os Solares «determinaram começar a vida filosófica pondo todas as coisa em comum»⁹, pois o amor pela comunidade é superior em perfeição ao amor próprio, que é o egoísmo e, portanto, fonte de mal entre os homens¹⁰. É que os Solares vivem segundo a vida virtuosa, de tal modo que os Magistrados têm nomes em sintonia com os nomes das virtudes¹¹. mas tal facto implica uma boa educação desde os primeiros anos. Mas então, o que aprende um Solar? Fundamentalmente, a língua e o alfabeto, exercícios físicos, diferentes ofícios, matemática, ciências naturais, agricultura e pecuária¹². Mas também se podem estudar matérias mais difíceis como as matemáticas sublimes, a medicina, ou outras ciências. E Campanella aproveita para criticar a nobreza ociosa do seu tempo, que considerava ignorante¹³.

³ CS, p.19.

⁴ CS, p. 20.

⁵ CS, pp. 21-22.

⁶ CS, p. 22.

⁷ CS, pp. 20-21.

⁸ CS, p. 23.

⁹ CS, p. 24.

¹⁰ CS, cf. p. 25.

¹¹ CS, cf. p. 27.

¹² CS, cf. p. 28.

¹³ CS, cf. p. 29.

Assim, em *A Cidade do Sol*, concebida segundo o modelo platónico, portanto sujeita a uma racionalização, onde todos trabalham, embora só quatro horas por dia¹⁴, Tomás Campanella aproveita para desferir uma crítica à situação de pobreza extrema em que tantos homens vivem. Na cidade ideal todos estão em igualdade de situação social e diz-nos: «são ricos porque gozam de tudo o necessário, são pobres porque nada possuem»¹⁵.

Como homem do renascimento é muito sensível à temática da imortalidade da alma, pelo que a propósito das coisas da guerra, que só tem sentido face a uma grande necessidade, refere que os Solares não temem a morte, pois acreditam na imortalidade da alma¹⁶, tema caro a Marsilio Ficino e que marcou o renascimento.

O Grão-Mestre solicita, então, ao Almirante que fale do trabalho¹⁷. Nesse sentido, é valorizada a nobreza pelo trabalho e desvalorizada a nobreza de sangue. Também desvalorizam o comércio, pois este implica o negócio e o dinheiro, em contrapartida valorizam a agricultura, a pecuária e a «arte náutica» pois esta propicia novos conhecimentos sobre outros povos e coisas de natureza natural¹⁸.

Quanto à religião, os Solares admiram a religião cristã, e sob a influência do pensamento de Giovanni Pico della Mirandola, a propósito da religião falamos da Concórdia ou paz universal entre todos as religiões¹⁹. Mas os Solares consideram o cristianismo, como nos diz: «a única verdadeira e que dominados os abusos deverá dominar todo o universo»²⁰.

Conclusão

Como podemos verificar a obra em apreço é, claramente, um reflexo das ideias do renascimento, época de grandes mudanças sociais e culturais, época sublime e simultaneamente trágica nas palavras de Eugénio Garin. O seu desígnio quanto à edificação de uma óptima república é renascentista e vemos bem a influência que autores como Giovanni Pico della Mirandola, ou mesmo Marsilio Ficino tiveram sobre o seu pensamento, na obra estão patentes essas marcas, até no modo platónico, ou melhor neo-platónico como perspectiva a cidade ideal. Mas há um traço do seu carácter na obra, a saber, a crítica social

¹⁴ CS, cf. p. 45.

¹⁵ CS, p. 46.

¹⁶ CS, cf. p.49.

¹⁷ CS, p.57.

¹⁸ CS, cf. p. 60.

¹⁹ CS, cf. p. 72.

²⁰ CS, p. 81.

e política permanente às cidades reais, onde a injustiça reina e a educação não são valorizadas. Já Platão o tinha referido, e estes homens que apostam na *rinascita* do que é clássico, mas à luz das preocupações emergentes, não estão a olhar para o passado, mas para o futuro, anões aos ombros de gigantes, por isso viram, talvez não melhor, mas de outro modo, com espírito crítico e onde o amor ao próximo que está no desalento é uma preocupação real. Daí a grande actualidade desta obra, não nas suas determinações epocais, mas na valorização do homem, da sua dignidade, para Campanella enquanto filhos de Deus. Utópico? Sim, de certo modo, Utópico, não se apoiados na vontade guiada pela razão, apostados na realização de um mundo melhor mais justo e que confere valor ao que é espiritual.